

MÉRTOLA ENTRE OS SÉCULOS VI E III A.C.

Pedro Barros*

RESUMO: Mértola localiza-se no Sudoeste Peninsular, na margem do Rio Guadiana onde os ciclos das marés e a navegação Norte/Sul terminam. Parece ser incontestável a correspondência de Mértola nas fontes clássicas com a designação de *Mirtilis*, que conta com diversas análises ao seu nome indicando na sua maioria uma associação à língua ibérica.

Os dados arqueológicos revelam uma ocupação do local de forma contínua desde o final do Bronze Final que podem co-existir com as cerâmicas de características orientalizantes a partir da 2ª metade do século VII a.C. Durante a 2ª metade do I milénio a.C. uma estrutura defensiva circunscreve um espaço de exploração directa bastante expressivo, mas a zona povoada no seu 3º quartel é mais limitada. Aqui o espólio arqueológico identificado engloba contentores ânforicos 4.2.2.5, 8.1.1.2., 8.2.1.1. e 12.; cerâmicas pintada em bandas, de engobe vermelho, cinzenta, manual com formas e decorações de influência mediterrânea, Áticas, tipo Koauss, do tipo «Cruz del Negro», contas de colar oculadas, entre outros.

As características mediterrânicas do espólio indiciam transformações efectivas no substrato indígena, demonstrando uma estrutura comercial local baseada na produção de excedentes e o conhecimento de um território, com relações próximas a sítios «rurais», mas também a sítios «centrais» a Sul. A localização estratégica de Mértola, faz com que se torne num importante entreposto mercantil em permanente contacto com um vasto território interno, mas sobretudo com o litoral, explorando assim o seu potencial de plataforma comercial entre um conjunto polifacetado de realidades, resumidas entre o mundo litoral e o interior.

PALAVRAS-CHAVE: Idade do Ferro, Mértola, Ânforas, Engobe Vermelho, Áticas, Koauss.

MÉRTOLA BETWEEN THE 6th AND THE 3rd CENTURY BC

ABSTRACT: Mértola is located in the Southwest of the Iberian Peninsula on the right margin of the Guadiana River where the tidal cycles and navigability North/South cease. It seems unquestionable the connection between Mértola and *Mirtilis* from classical sources.

Archaeological data has revealed a continuous occupation since the Late Bronze Age which may coexist with pottery of eastern features from the second half of the 7th century BC onwards. During the second half of the first millennium BC a defensive structure encloses an area of direct exploration quite expressive but the area actually inhabited during its last two and a half centuries is rather limited. The archaeological remains identified includes amphorae of types 4.2.2.5, 8.1.1.2., 8.2.1.1. e 12.; painted pottery, red-slip and grey-slip ware; manual coarse ware with shapes and decoration of Mediterranean influence; Greek and Kouass ware; «Cruz del Negro» type; collar beads; among other.

The Mediterranean characteristics of the analysed items show clear transformations in the local society evidencing a commercial structure based on a surplus production and the territorial knowledge with close relation not only to rural habitat areas but also to more central places in the South. The strategic placement of Mértola makes it an important trading location permanently in contact with a multifaceted universe of realities contained between the hinterland and the coastal world.

KEY WORDS: Iron Age, Mértola, Amphorae, Red-Slip, Attic and Koauss Ware.

Recibido: 8 de junio de 2010/Aceptado: 1 de diciembre de 2010/Fecha de publicación: 6 de abril de 2011.

* pbarros@igespar.pt. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR)-Algarve. Rua General Leman, 18-1º. P-1600 Lisboa. Gostaríamos de agradecer ao convite feito pela organização na pessoa de Eduardo Ferrer Albelda e à Universidade de Sevilha pelo convite formulado para participar neste encontro. Agradecimentos extensíveis às Instituições que têm à sua responsabilidade os materiais agora estudados: Museu Nacional de Arqueologia e Campo Arqueológico de Mértola; e pelos esclarecimentos, contributos e críticas a Samuel Melro, Ana Cristina Ramos, Virgílio Lopes, Maria de Fátima Palma Susana Gómez, Iola Filipe e Pedro Santos. Saliente-se porém que todos estão isentos de responsabilidades nos erros ou omissões deste trabalho escrito em Setembro de 2009 e revisto em Maio de 2010.

Mértola fica localizada no Sudoeste Peninsular (Fig. 1), numa região onde se destacam três unidades geomorfológicas principais, uma pen-planície homogênea de superfícies aplanadas; os relevos residuais que constituem as Serras de Serpa e Mértola e os vales encaixados com declives acentuados por onde as principais linhas de água têm o seu percurso¹. Aqui desenvolve-se no subsolo a faixa piritosa ibérica onde existem amplos recursos geológicos como os metais nobres – ouro, prata e cobre².

Mértola insere-se num troço do Rio Guadiana caracterizado por um vale encaixado, vertentes abruptas, percurso sinuoso³ onde se destaca a montante, poucos quilómetros a Norte, a corredeira, que integra um elemento hidrogeológico com um desnível de 15m de altura, chamado Pulo do Lobo (Fig. 2). Aqui terminam os ciclos de marés e fica impedida a navegação de qualquer tipo de embarcações para Norte⁴.

A navegabilidade do rio Guadiana já era referida por Estrabão⁵, comparando-o com o Guadalquivir, salientando que o primeiro era navegável num percurso mais curto e por embarcações mais pequenas⁶. De facto, as condições de navegabilidade até Mértola não eram simples, mas possíveis: o regime irregular do rio e a consequente força cíclica das águas nas cheias, os afloramentos rochosos imersos até muito próximo da superfície, a alteração da topografia do leito do rio com os assoreamentos súbitos junto à foz dos seus afluentes e o encanamento dos ventos em meandros apertados dificultavam certamente as condições de navegabilidade e

a chegada a bom porto, mas esta seria possível pela existência de um caudal favorável e com a colaboração de quem então conheceria com rigor o rio e os seus obstáculos⁷.

Mértola marcaria um limite da navegabilidade fluvial em percursos de média e longa distância no Rio Guadiana, sobretudo um termo às embarcações de maior calado⁸. Esta noção encontra-se bem documentada em fontes iconográficas como é exemplo na gravura de Duarte d'Armas de 1510⁹, onde se marca a diferença entre dois barcos de três mastros representados na zona da enseada sul, apenas uma pequena embarcação a remos, 2 pares, está a montante do ponto mais estreito (cerca de 30m) e mais profundo (22m) do rio e outra, e outra ainda de menor dimensão, 1 par, na actual Ribeira de Oeiras e que em maré baixa não é navegável¹⁰.

As condições geomorfológicas de Mértola não se alteraram muito desde épocas antigas (Figs. 1 e 3). Implantada na margem direita do Rio Guadiana, no topo de um esporão, na confluência do Rio Guadiana com a ribeira de Oeiras, a ponte, Mértola possui excelentes condições naturais de defesa fluvial e terrestre.

Esta implantação faz com que prescinda da visibilidade envolvente, ponto invisível na paisagem envolvente tal como o vale encaixado do rio, assumindo uma proeminência sobretudo para quem se aproxima a partir do rio¹¹.

A visibilidade, zonas a branco, centra o seu controle numa zona até 2Km (Fig. 4), dirigida sobretudo para ambas as margens do Rio e sua envolvente imediata, toda a área do esporão e espaço

1 LECOQ, N. (2002): 31.

2 OLIVEIRA, T. y OLIVEIRA, V. (1996): 11.

3 FEIO, M. (1946) y (1983).

4 SIMPLÍCIO, M.C., BARROS, P. y GARCIA, C. (1999).

5 III 2.4 (C 143).

6 OLIVEIRA, C.P. y FREITAS, V.T. (2007).

7 LOPES, V., SIMPLÍCIO, C. y BARROS, P. (2003).

8 *Ibidem*.

9 ALMEIDA, J. de (1943): 33.

10 BARROS, P. (2008).

11 ID. (e.p. c).



Fig. 1. Localização de Mértola, muralha e alguns dos locais onde ocorreram os vestígios arqueológicos enquadráveis entre os séculos VI e III a.C.



Fig. 2. Elemento hidro-geológico do Pulo do Lobo e corredeira



Fig. 3. Vista geral de Mértola para Norte

envolvente ao Cerro das Neves e do Benfica, num claro controlo de vias naturais de comunicação entre o litoral/ interior (Sul/Norte) e a travessia do rio (Este/Oeste). A restante área de visibilidade é limitada às cumeadas envolventes entre o 6Km e os 12Km, ou seja, serão outros os factores que sustentam uma lógica de controlo, coordenação e exploração de um território e respectivos recursos (geológicos, agrícolas, pecuários, florestais e fluviais) associados a Mértola, como o último porto numa navegabilidade fluvial em percursos de média e longa distância no final de um longo estuário do Rio Guadiana¹².

Desde finais do século XVI, Mértola é mencionada pela sua importância histórica e pelos vestígios arqueológicos que aí se encontravam e desde os finais do século XIX foi objecto de estudos de índole arqueológica. Os vestígios arqueológicos encontrados apresentam duas limitações: por um lado na sua maioria não provêm

de contextos preservados o que limita algumas leituras, por outro lado, em determinados casos a dimensão dos fragmentos recolhidos inviabiliza uma classificação tipológica mais detalhada.

A antiguidade da ocupação de Mértola pode-se comprovar-se pela incontestável correspondência nas fontes clássicas com a designação de *Mirtilis*¹³, tendo em mente as ocorrências da forma do nome, das fontes literárias, epigráficas e numismáticas, remetendo sobretudo para as passagens de Pomponius Mela¹⁴, onde a cidade é associada ao cabo *Cuneus*, juntamente com as cidades de *Balsa* e *Ossonoba*, num triângulo repetido por Plínio como *oppidum ueteris Latii*¹⁵, mas apresentada na lista de Ptolomeu¹⁶ como *Ioullia Myrtilis* referindo-se a ela como sendo uma cidade turdetana. É ainda mencionada no Itinerário Antonino¹⁷ pois encontra-se localizada na via de *Baesuris – Pace Iulia per compendium* e em Mela¹⁸ no *ager Cuneus*. No que se refere ao seu nome, são

12 *Ibidem*.

13 TOVAR, A. (1976): 210-211; GUERRA, A. (1995) y (1998); ALARCÃO, J. de (1988).

14 III 7.

15 nat. 4. 116 y 117.

16 II 5.5.

17 431,6.

18 III 7.

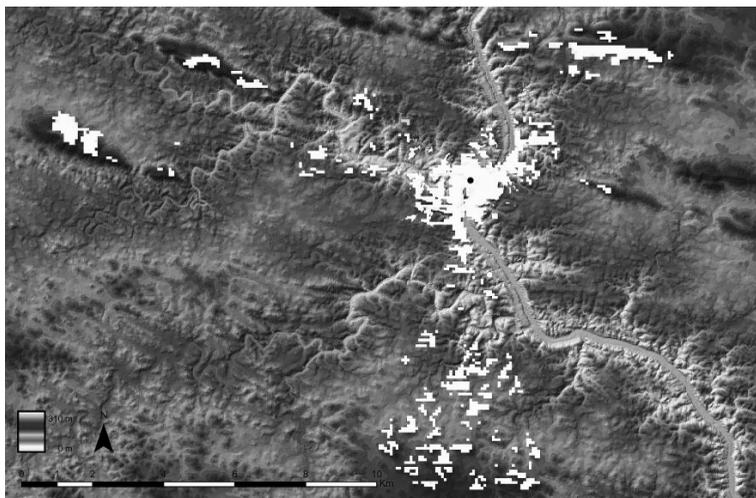


Fig. 4. Visibilidade envolvente e imediata de Mértola (cumulativa dos locais com vestígios arqueológicos enquadráveis entre os séculos VI e III a.C.)

feitas diversas análises: umas de origem oriental¹⁹, outras de origem grega²⁰ sendo na sua maioria associada à língua ibérica²¹, comprovada na fronteira gerada entre a confrontação de topónimos célticos em *-briga* e os ibéricos em *-ilti*²².

Os dados arqueológicos indiciam uma ocupação do local de forma contínua desde o final da Idade do Bronze (atestada pelas cerâmicas finas carenadas, com ornatos brunidos, «tipo Carambolo», uma foice em bronze de «tipo Rocanes», entre outros-Fig. 5), contudo, a longa diacronia destes materiais sugere que podem co-existir com as cerâmicas a torno de características orientalizantes a partir da segunda metade do século VII a.C. (nomeadamente com o contentores anfóricos tipo 10.1.2.1, com as diversas variantes de bordo: rectilíneos, côncavos e alguns emoldurados, as cerâmicas de engobe vermelho maioritariamente representadas por

tigelas e pratos, um dos exemplares «tipo Cruz del Negro», entre outras)²³.

Os materiais arqueológicos correspondentes aos séculos VI e III a.C., no estado actual dos conhecimentos, permitem indiciar uma organização de Mértola em algumas áreas funcionais.

O espaço portuário, ou aquele que reunia as melhores condições para esta função, pois não se crê que tenha havido uma estrutura portuária bem definida, seria em ambas as margens da extremidade sul (Fig. 1). Ainda hoje o local é tradicionalmente utilizado como um porto de acostagem (resolvendo problemas de travessia, navegação, embarque e desembarque de produtos e pessoas, proceder a pequenas manutenções nas embarcações, etc.), face ao ligeiro alargamento do vale, à suavização das vertentes, a um percurso rectilíneo e espreado, a uma zona de assoreamento suave, à manutenção da cota de leito de cheia²⁴ e do nível

19 TOVAR, A. (1976): 210-211.

20 GARCÍA Y BELLIDO, A. (1978).

21 GUERRA, A. (1998).

22 UNTERMANN, J. (1962); De HOZ, J. (2001).

23 BARROS, P. (e.p. b y c).

24 LOPES, V., SIMPLÍCIO, C. y BARROS, P. (2003).

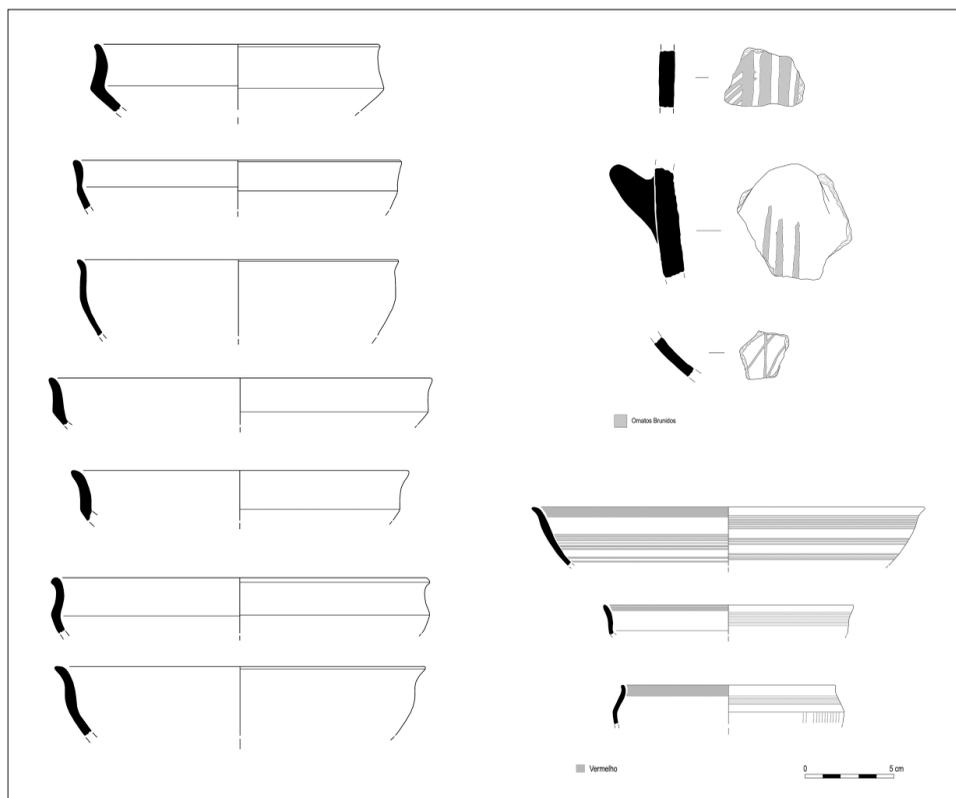


Fig. 5. Cerâmicas finas de tradição do Bronze Final, com ornatos brunidos e «tipo Carambolo»

das águas²⁵, e onde o regime violento e irregular do rio Guadiana é esbatido pelas águas da Ribeira de Oeiras. Tendo em consideração todos estes condicionalismos, julga-se que a resolução dos problemas enunciados terá sido diacrónica e de idêntica solução.

A delimitação de Mértola nos meados e no terceiro quartel do primeiro milénio a.C. passa, de certa forma, pela definição de uma estrutura defensiva com um perímetro que abrange uma área com mais de 65 a 70 hectares. A partir de uma intervenção localizada no Cerro do Benfica (Fig. 1), os investigadores responsáveis defendem que esta muralha terá sido erigida durante

o século VI a.C., identificando-se outras 3 fases (re)construtivas até ao seu abandono em época medieval e que terá tido, na maioria da sua extensão, um único momento de construção²⁶.

O aparecimento de um bordo de ânfora do tipo 10.1.2.1 de J. Ramón Torres²⁷ e de uma *tegula* em contextos superficiais e a datação da denominada segunda fase de reestruturação, por um fundo de uma ânfora tipo 8.1.3.1 ou 8.1.3.2²⁸, produzida na zona de Ibiza, com cronologias posteriores à segunda metade do século III até finais do II. a.C. induziram para a primeira fase de construção deste monumento uma datação de meados do VII até meados do VIII a.C.²⁹.

25 TEIXEIRA, S. (2005).

26 HOURCADE, D., LOPES, V. y LAGARTHE, J.-M. (2003).

27 (1995).

28 *Ibidem*.

29 HOURCADE, D., LOPES, V. y LAGARTHE, J.-M. (2003).

Face a estes resultados, julgamos mais prudente considerar que a eventual ocupação do Cerro do Benfica em épocas tão recuadas é plausível, mas não necessariamente em associação à construção desta estrutura amuralhada. Menos ainda, apontar a mesma datação antiga para todo o recinto fortificado, quando existem 4 fases de construção, pelo que julgamos que esta muralha com 3,7 km de comprimento deverá ter sido construída em fases posteriores ao século V-IV a.C. No entanto, a delimitação deste espaço é um indicador que pode circunscrever uma área de exploração directa e de utilização frequente do povoado, mas que no estado actual dos conhecimentos se encontra demarcado pelos vestígios arqueológicos a uma zona que se restringe a cerca de 6/7 hectares, dimensão que ainda assim é bastante significativa no contexto da bacia hidrográfica do Guadiana.

Estes vestígios de um perímetro amuralhado são complementados com os dados da Biblioteca de Mértola³⁰, onde uma estrutura atribuída à Idade do Ferro foi posta a descoberto. Segundo os arqueólogos responsáveis por esta intervenção, a quem agradeço, os níveis arqueológicos mais antigos que foram intervencionados, pois não se chegou à base desta estrutura, revelaram contentores anfóricos tipo «Tiñosa», tipo D de Pellicer, pratos e taças de cerâmica «tipo Kuass» e cerâmica decorada com bandas remetendo esta associação material para contextos datados entre os séculos III e II a.C.

A disposição de Mértola parece também indicar uma zona povoada, numa área que se restringe a cerca de 6/7 hectares, e onde a ocupação enquadrável, grosso modo, durante os meados e o terceiro quartel do Iº milénio a.C. se revela pela presença de contentores anfóricos, cerâmicas de engobe vermelho, cerâmica pin-

tada em bandas, cerâmica Kuass, cerâmica cinzenta, cerâmica manual, cerâmicas áticas, contas de pasta vítrea oculadas. Existem ainda vários elementos passíveis de integrarem este período cronológico, no entanto, por ausência de contexto e pela sua ampla diacronia de existência não serão aqui abordados.

Nos contentores anfóricos destacam-se as formas forma B/C e D de Pellicer, as tipo «Tiñosa», as Mañá-Pascual A4 e tipo «Carmona». As ânforas forma B/C de Pellicer, denominação isenta de confusões e que corresponde à forma 4.2.2.5 de Ramón Torres é a que se encontra melhor representada em Mértola contando com exemplares de bordo trapezoidal, amendoado e na sua maioria de tendência oval/quadrangular. São poucos os exemplares que podem corresponder entre o final do século V e os meados do século IV a.C. havendo uma clara maioria atribuível entre os finais do século IV e o século III a.C. Em Mértola registou-se a sua presença em 5 locais enquanto que a sua dispersão na região também é significativa: no litoral em locais considerados centrais como os casos de Faro, Castro Marim³¹ e Tavira e a outros que parecem corresponder a locais de exploração rural mais no interior, como o Moinho do Pinto³² e Aracelis (*vid. Fig. 9 infra*).

As ânforas tipo «Tiñosa», forma 8.1.1.2. de Ramón Torres, encontra-se documentada de forma significativa em 6 locais da vila. Abundantes em toda a Andaluzia, em especial na área da Campiña Gaditana, mas também no Norte de África tem um enquadramento cronológico entre os séculos IV e III a.C. Além dos sítios arqueológicos do litoral algarvio acima referidos ocorre no Cerro da Velha (*vid. Fig. 9 infra*), concelho de Castro Marim³³.

Nas ânforas Mañá-Pascual A4 destacam-se as formas mais antigas, com bordo espessado de

30 PALMA, M. de F. y GÓMEZ, S. (2008).

31 ARRUDA, A.M., BARGÃO, P. y SOUSA, E. (2005).

32 OLIVEIRA, C.P. y FREITAS, V.T. (2007).

33 *Ibidem*.

secção triangular, lábio arredondado marcado pela separação do ombro com uma pequena canelura, e sobretudo com os exemplares sem um espessamento tão marcado do bordo e sem a referida canelura. Os primeiros encontra-se sobretudo associados a momentos enquadrados nos finais do século IV a.C. enquanto a maioria dos exemplares remete para a forma 12 de Ramón Torres enquadrada no século III a.C. quando esta forma conta com ampla difusão sobretudo por toda a costa andaluz, norte de África, atlântico português, bem como no Mediterrâneo Noroeste e Central³⁴. Em Mértola ocorrem em apenas 2 locais bastante próximos e na região mais próxima identificam-se paralelos, para as formas mais antigas, em Castro Marim³⁵ e para as do século III a.C. além deste local, no Moinho do Carvão³⁶, Tavira e Faro³⁷.

As ânforas forma D de Pellicer e 4.2.2.5³⁸, contam com exemplares com bordos diferenciados do ombro por uma canelura e bordos sem esta. Com uma ampla diacronia entre os finais do século IV e os finais do século I a.C. contam com paralelos nos sítios de Tavira e Castro Marim, bem como na Andaluzia, nomeadamente no vale do Guadalquivir e Norte de África.

Em Mértola, provenientes da Casa do Pardo, com algumas reservas face à dimensão dos bordos, parece haver dois exemplares de ânforas 8.2.1.1. de Ramón Torres, habitualmente designada tipo «Carmona». Ânfora com ampla difusão na Andaluzia, sobretudo na baía gaditana, costa mediterrânica peninsular, norte de África e em Faro, entre a primeira metade do século IV e os meados do século II a.C.

Em Mértola os contentores ânforicos acima referidos encontram-se concentrados na encosta Norte do esporão que se encontraria povoado (imediatamente a Norte da Alcáçova), à exceção de 2 exemplares (junto do Porto e Cerro do Benfica), e sobretudo na base dessa encosta numa área que parece estar no exterior da zona amuralhada e junto da confluência das antigas vias terrestres de acesso regista-se referida concentração.

As cerâmicas de engobe vermelho (Fig. 6) características desta fase, são maioritariamente representadas por formas abertas, nomeadamente tigelas e pratos³⁹. Destaca-se a tigela sem espessamento do bordo, que se generalizam na primeira metade do século VI e se prolonga até inícios do V a.C., tendo em consideração o que acontece em Castro Marim e Huelva⁴⁰. Os pratos com uma canelura relativamente bem marcada na extremidade do bordo, através de paralelos nos mesmos sítios arqueológicos e apesar da sua longa diacronia, podem indicar momentos centrados sobretudo no século VI a.C.⁴¹

Existem outras formas atribuíveis a esta época, como sejam as taças carenadas com bordo pontiagudo, paredes verticais de tendência recta e carena marcada⁴²; que se generalizam a partir do século VII a.C. podendo perdurar até à primeira metade do VI a.C.⁴³ e as com bordo de tendência triangular mas já ligeiramente arredondado e com diâmetros que podem chegar aos 20 cm, que nos indiciam para cronologias durante a primeira metade do século VI a.C. Ambos contam com os melhores paralelos na costa de Málaga, Andaluzia Ocidental, e em

34 RAMÓN TORRES, J. (1995).

35 ARRUDA, A.M., BARGÃO, P. y SOUSA, E. (2005).

36 OLIVEIRA, C.P. y FREITAS, V.T. (2007).

37 ARRUDA, A.M., BARGÃO, P. y SOUSA, E. (2005).

38 RAMÓN TORRES, J. (1995).

39 BARROS, P. (2008).

40 FREITAS, V.T. (2005 a y b).

41 ID. (2005 b).

42 BARROS, P. (2008).

43 FREITAS, V.T. (2005b).

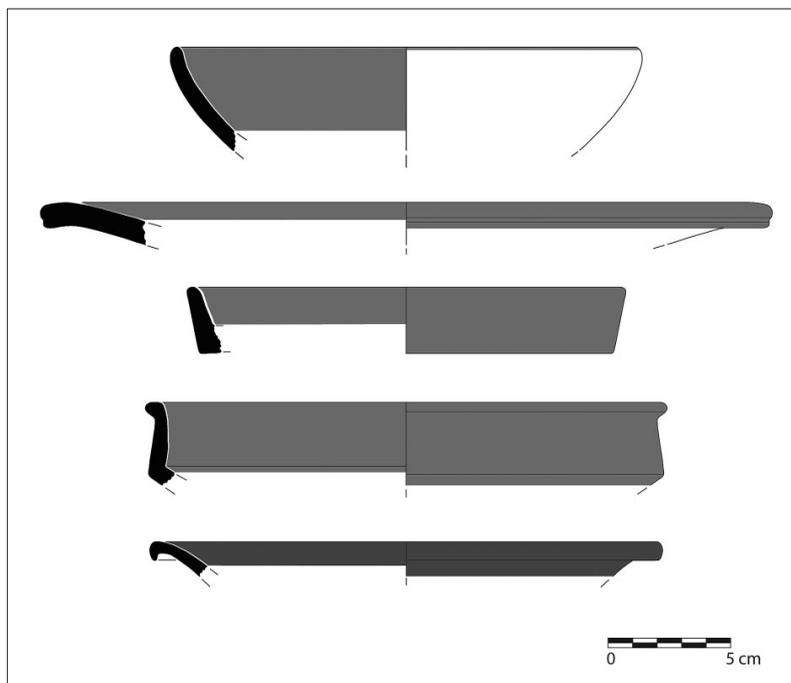


Fig. 6. Cerâmicas de engobe vermelho

particular em Huelva, Castro Marim, Abul e Alcácer do Sal⁴⁴.

Por último, há a destacar a presença de vários fragmentos com um tratamento de superfície de diferente cor e que se distinguem por um engobe avermelhado. O panorama formal parece manter-se na sua generalidade, aparecendo pratos de lábio pendente e uns pequenos globulares⁴⁵. A cerâmica de engobe violáceo, na bacia do Guadalquivir, Huelva e Castro Marim, parece surgir a partir dos inícios do século VI a.C. perdurando até ao III a.C., apesar da sua presença a partir dos inícios do século IV a.C. ser mais reduzida⁴⁶. Assim, o panorama formal apresentado remete-nos para relações comerciais estabelecidas com os povoados desta época do litoral sul português e da Andaluzia ocidental.

No que concerne ao repertório formal, decorativo e cronológico e ao fluxo das cerâmicas áticas de Mértola entre o século V e os meados século IV a.C. parece ocorrer em três momentos (Fig. 7). Um momento mais antigo de finais do século V a.C., com paralelos em Castro Marim e Tavira, onde se distinguem as Taças *Castulo* com áreas reservadas entre as asas. As taças tipo plain rim, nas suas formas mais arcaicas, reconhecidas por terem ambas as faces dos pés convexas, as *Kylikes* com um ressalto na parede interna delimitando o medalhão central, e o que parece ser um *Skyphos*, com asa junto a um bordo direito⁴⁷. Até ao momento, o único exemplar de figuras vermelhas atribuíveis a este período, podendo mesmo ser do terceiro quartel do século V a.C., é o que parece tratar-se de um *krater*, com a

44 *Ibidem*.

45 BARROS, P. (2008).

46 FREITAS, V.T. (2005b).

47 ARRUDA, A.M., BARROS, P. y LOPES, V. (1998).

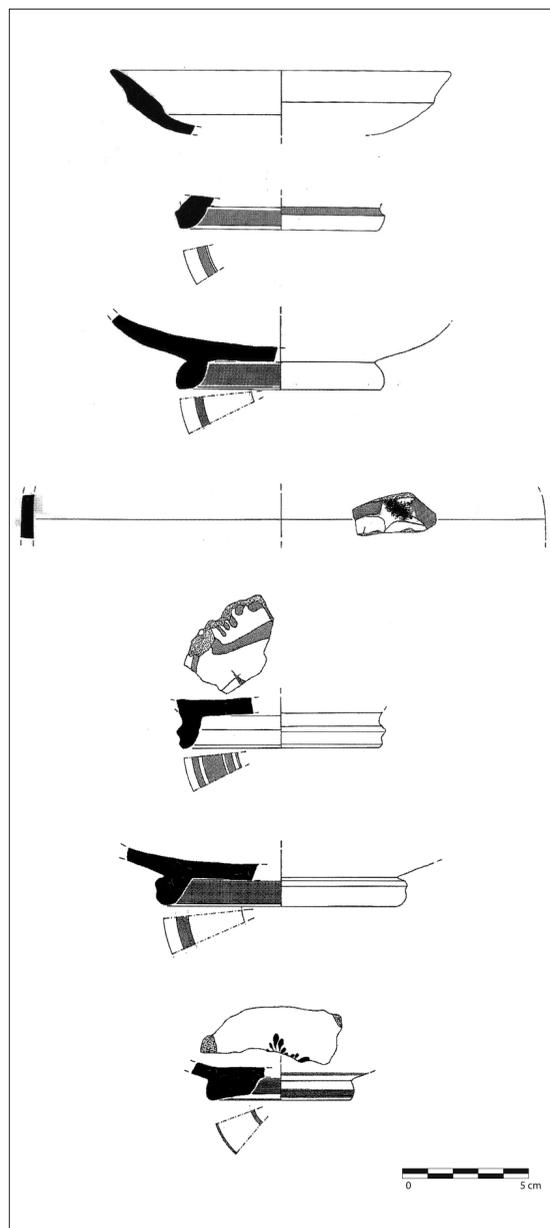


Fig. 7. Cerâmica Ática

representação, na sua face externa, de um rosto e tronco de uma personagem masculina de frente, com barba e cabeça virada para a direita. A reduzida dimensão deste fragmento dificultou consideravelmente a atribuição de um pintor a este vaso, no entanto, considerou-se a hipótese de se tratar de uma obra do Pintor de Dinos, ou do Pintor de Chrysis pertencendo à fase I do período Clássico Tardio⁴⁸, com paralelos em Castro Marim e Santa Olaia.

Numa fase intermédia entre os finais do século V e os inícios do século IV a.C., as restantes figuras vermelhas (de 9 passaram para 21), do chamado Período Clássico Tardio II no estilo *Kerch*, parecem associadas ao grupo de Viena 116, extrapolação que não é isenta de algumas reservas tendo em consideração a dimensão dos fragmentos. Os restantes exemplares de Taças *Cástulo*, as taças, genericamente chamadas «*stemless cup*», que na sua maioria devem ser *plain rim cups*, com pés moldurados, com as superfícies externas cobertas de verniz negro. A forma 21/ 25B decorada no fundo interno, com palmetas em disposição radial, não é tão frequente na Península Ibérica mas conta com paralelos em Faro. Foram ainda identificados nesta fase alguns *Skyphoi* e a *lekythos arybalisica* forma pouco habitual no sudoeste peninsular.

E por último os fragmentos que nos remetem para o século IV a.C., sobretudo para os seus meados. Com exemplares a apresentarem decorações estampilhadas em palmetas por vezes circundadas com *guilhocé* em espiral, um *Skyphos* com decoração de estilo Saint Valentin com motivo axadrezado, as formas 21 e 22 de Lamboglia, com bordos reentrantes e exvertidos, os pratos de peixe ou forma 23 de Lamboglia que se destacam pela depressão central ou pelo lábio pendente, as lucernas sendo uma delas atribuível com reservas ao tipo 25 de Atenas. Alguns bojos indiciam a presença de formas pouco habituais

no território português tal como um Kraters e uma ânfora que não foi possível classificar.

A dispersão das cerâmicas áticas em Mértola não parecem obedecer a nenhuma lógica concreta, ocorrendo em quase todos os locais onde foram documentados outros vestígios materiais associados a este período cronológico, nomeadamente na «zona povoada». O panorama geral e a diversidade formal, desta cerâmica com uma dispersão bastante vasta pela Península Ibérica, nomeadamente ao longo do curso do Guadiana, apresenta-se bastante semelhante aos contextos identificados na Andaluzia ocidental e costa sul portuguesa que face à cronologia em questão é sobretudo comparável na área com os sítios litorais de Tavira, Castro Marim. Neste conjunto destaca-se a predominância das *Kylikes*, nomeadamente as Taças Cástulo e a antiguidade de alguns dos seus exemplares com paralelos ao longo do rio Guadiana e do interior do Baixo Alentejo⁴⁹. De registar ainda a presença da forma 21/25B, da *lekythos arybalisica* e da ânfora, a decoração de estilo Saint Valentin em *Skyphos* por serem formas pouco habituais no actual território português.

Reforça-se a ideia de que as formas identificadas são, na sua maioria, associadas ao consumo de líquidos, indicando um enraizar no quotidiano indígena de conceitos utilitários idênticos aos dados pelos (comerciantes) gregos⁵⁰ e hábitos sociais e alimentares estranhos à região, bem como do poder de compra inerente neste período de «helenização» de difusão/ assimilação de valores culturais helénicos junto das elites desta região do extremo ocidente.

A cerâmica tipo «Kuass», na sua maioria representada por formas com engobe vermelho e em menor número engobe a castanho e negro, está bem documentada em Mértola pela sua for-

ma II. Está ainda documentada de forma menor mas bastante significativa pela forma IX. Em menor número existem exemplares das formas V e VIII, sendo muito pontuais as formas IV, VII e X. Existe ainda num fundo interno uma decoração estampilhada parcial de uma roseta,

A diversidade formal de Mértola, apesar de semelhante a Faro e Castro Marim⁵¹, é ainda assim menor. Com uma abrangência entre os finais do IV e os inícios do século II a.C., a diversidade formal dos exemplares de Mértola, excepto para a forma II que não permite qualquer circunscrição, são atribuíveis ao século IV e inícios do III a.C., onde apenas a forma V parece corresponder a momentos a partir do século III a.C.⁵².

As cerâmicas pintadas em bandas de tradição ibérica apresenta como as formas mais representadas: as tigelas, com bordo ligeiramente espessado, e os potes/ panelas de bordo extrovertido, registam-se ainda taças, recipientes de grande dimensão, pratos de peixe (um com bandas concêntricas de diferentes tonalidades) e pequenos potes. A decoração é sobretudo de cores avermelhadas ou pretas, designadamente as compostas por bandas concêntricas, semicírculos de cor avermelhada e as ondulações verticais com bandas, existindo por vezes uma decoração policroma que utiliza ambas as cores. Os fundos apresentam-se planos, ligeiramente côncavos e anelares. Genericamente enquadráveis na segunda metade do primeiro milénio a.C., considerando os contextos do Levante espanhol, alguns casos sugerem cronologias, entre os finais do século V e o século III a.C.⁵³.

As formas de cerâmica cinzenta identificadas em Mértola, são escassas, e apresentam uma cronologia bastante ampla, pelo que apenas destacamos apenas aquelas que se apresentam de-

49 BARROS, P. (2005).

50 ARRUDA, A.M. (1997).

51 SOUSA, E. (2005).

52 *Ibidem*.

53 OLIVER FOIX, A. y GUSI JENER, F. (1995).

coradas com caneluras de diversas dimensões⁵⁴ e que pelos seus paralelos em Castro Marim, Pico del Oro⁵⁵, Azougada e Cancho Roano, parecem circunscrever-se ao século V a.C.⁵⁶

Relativamente à cerâmica manual, os seus indicadores morfológicos para esta época são reduzidos e circunscrevem-se na sua maioria a tipos de decoração e elementos de prensão, usados tanto em formas abertas como fechadas. As peças decoradas com incisões no bordo, o tipo de asas de cesta e as pegas em ferradura revelam afinidades com outros sítios da bacia do Guadiana durante os meados do século VI e os meados do IV a.C.⁵⁷ Igualmente escassa é a cerâmica estampilhada, o único exemplar registado parece pertencer a um recipiente de média dimensão, apresenta um conjunto contínuo de palmetas invertidas junto do ombro da peça. Pela pasta parece-se associar a contacto com comunidades mais interiores e de cultura dita «celtizante», exemplos deste tipo de cerâmicas são frequentes na região no sítio das Mesas do Castelhinho (*vid.* Fig. 9 *infra*).

Além da componente cerâmica existem outros vestígios desta época, nomeadamente 2 contas de pasta vítrea oculadas, provientes de contextos revolvidos. Teriam uma utilização ligada ao uso quotidiano pelo seu carácter estético, que poderia acumular com um funcionalismo espiritual de protecção apotropaica e/ou com uma componente social de distinção hierárquica⁵⁸.

Neste conjunto de contas esféricas de pasta vítrea, segundo a tipologia apresentada por Encarnación Ruano Ruiz⁵⁹, com dimensões entre

os 11 e os 14mm, apresentam oculações estratificadas de cor azul oculadas a branco com 4 «olhos». Contam com paralelos na zona algarvia e nas necrópoles do Baixo Alentejo. Os paralelos que até ao momento encontramos localizam-se no Algarve, Baixo Alentejo e Extremadura espanhola⁶⁰. Apesar da dificuldade de datar as contas de colar vítreas pelo método comparativo⁶¹, concordamos contudo que parece ser durante o século V a.C. que estas se vulgarizam⁶².

Estas influências continuaram em fases posteriores, não parecendo haver uma ruptura ou quebra dos circuitos comerciais entre Mértola e as zonas mais litorais. Apesar das alterações no tipo de produtos adquiridos registam-se além dos contentores ânforicos com influências itálicas, nomeadamente as greco-itálicas e as Dressel 1, também se registam as ânforas Maña C's, as primeiras formas das campanienses A estão bastante bem documentadas, a continuidade da cerâmica pintada em bandas, entre outros materiais que perduram a partir do século II a.C.

A correcta definição e localização das necrópoles associadas ao povoado de Mértola provêm de achados feitos durante os finais do século XIX, onde a prática científica arqueológica privilegiava uma forma de escavar que se limitou à abertura do terreno e à recolha dos artefactos considerados então mais apelativos. O investigador Estácio da Veiga, em 1877, procedeu a escavações na Vila de Mértola⁶³ durante dez dias a sua atenção recaí sobretudo na zona entre o Rossio do Carmo, contudo estende a sua intervenção a outros locais.

54 BARROS, P. (2008).

55 PÉREZ MACÍAS, J.A. (1996).

56 ANTUNES, A. (2005).

57 BARROS, P. (2008).

58 RUIZ RUANO, E. (1996).

59 EAD. (1995) y (1996).

60 COSTA, J.M. da (1966) y (1974); DIAS, M.M.A., BEIRÃO, C.M. y COELHO, L. (1970); DIAS, M.M.A. y COELHO, L. (1983); BEIRÃO, C.M. (1986); ARNAUD, J.L., MARTINS, A. y RAMOS, C. (1993); ALARCÃO, J. de (1996); CORREIA, V.H. (1997) y ARRUDA, A.M. (2001).

61 JIMENEZ ÁVILA, J. (2003).

62 FABIÃO, C. (2001).

63 VEIGA, S.F.M.E. da (1983): 1 y 3.



Fig. 8. Um dos contentores cerâmicos tipo «Cruz del Negro»

Apesar das poucas informações que restam destas intervenções, nomeadamente sobre a localização e contexto verifica-se que na área identificada como Ladeira da Nossa Senhora das Neves (Fig. 1) ocorre regista sepulturas de incineração. Os materiais associados a estas sepulturas remetem para momentos anteriores ao período agora tratado, um prato de engobe vermelho com um fundo convexo onde se regista um grafito pós cozedura e dois contentores cerâmicos tipo «Cruz del Negro» também num contexto de uma sepultura de incineração e associado a espólio osteológico humano, unguentários e restos de um vaso metálico, dos quais não existe informação adicional⁶⁴. Formalmente enquadram-se nos finais do século VII e a primeira metade do século VI a.C.

Um dos contentores do mesmo tipo «Cruz del Negro» (Fig. 8) tem características formais enquadráveis entre inícios e meados do

VI a.C., a pasta aponta para uma produção do baixo Guadalquivir com paralelos no exemplar de Cullera, mas também com os exemplares de Málaga, costa atlântica portuguesa, Huelva, Tavira e Medellín⁶⁵.

A diversidade deste repertório acaba por ser coerente com a existente no povoado, ou seja, no que parece ser uma forte influência orientalizante, a diversidade e a precocidade de algumas formas de engobe vermelho como o denominado «jarro de boca de seta» e o espólio associado ao mundo funerário vincam uma aceitação e utilização desta cultura material por parte de uma comunidade ou parte dela. A presença e grau de conservação destes materiais atestam o que parecem ser necrópoles de incineração, implica na sua utilização ser aceite por uma comunidade residente em Mértola e reinterpretar a sua funcionalidade. Demonstra também um certo poder de aquisição por parte de alguma população

⁶⁴ BARROS, P. (e.p. b).

⁶⁵ *Ibidem*.

local com uma relação próxima com as rotas comerciais mediterrânicas⁶⁶.

Deve ainda referir-se a sua presença de uma estela uma inscrição com caracteres do Sudoeste, num local próximo ao seu contexto original, a nordeste do povoado e a sul da necrópole (num espaço contíguo junto de uma via de acesso), reaproveitada na necrópole paleocristã do Rossio do Carmo, para a qual se propôs uma cronologia entre o século VII e o V a.C.⁶⁷

Se por um lado existe uma clara associação ao mundo orientalizante com adopção do espólio votivo e do tipo de enterramentos acima referido, verifica-se durante os séculos VI e V a.C. uma associação deste tipo de estelas a um mundo interior/ indígena, que ocorre com bastante frequência na junção das bacias hidrográficas dos rios Mira, Sado e Guadiana e das ribeiras do Algarve – concelhos de Almodôvar, Loulé e Ourique. Ainda que a sua distribuição abarque um território mais amplo⁶⁸, em Mértola aparece invulgarmente num contexto urbano e comercial.

Assumindo a incapacidade de uma análise do ponto de vista da problemática linguística, estes vestígios, estela e grafitos, indicam-nos pelo menos o conhecimento da escrita e o uso de uma linguagem nesta comunidade. Poderá também indiciar uma definição do limite sul da necrópole ou talvez marcar um espaço entre esta e o povoado⁶⁹.

O conhecimento do povoamento do século VI e III a.C., na região mais imediata do território de Mértola ainda é escasso, não só pelos trabalhos realizados, pelo facto de a investigação não ser direccionada para estas realidades, pela escassa cultura material existente, ou mesmo

porque estas estão camufladas por sítios com ocupações posteriores.

No actual estado de investigação encontramos limitados pelo conhecimento de uma ocupação durante o século VI a.C. circunscrita a Tavira, Castro Marim e Mértola, ou seja, apesar deste último lugar ser mais interior, predominam assentamentos com uma lógica litoral num claro controlo de rotas para o interior e em contacto com o mundo mediterrânico. Estes locais, que contam com uma ocupação desde o Bronze Final, mantêm a sua ocupação pelo menos até ao século II a.C.

A partir dos meados/ finais do século V a.C. junto das ribeiras subsidiárias mais importantes ou nos limites da bacia hidrográfica do Rio Guadiana (elemento estruturante no povoamento), registam-se pequenos sítios rurais com 200 a 350m² com opções de construção diferenciadas, mas complementares (tipo habitacional, exploração dos recursos e de culto)⁷⁰, como é o caso da concentração de Neves-Corvo (Fig. 9)⁷¹, constituída por Neves II, com cerâmicas digitadas, ânforas, uma inscrição com caracteres do Sudoeste e «espeto» de ferro. Em Corvo I com um piso decorado com um motivo zoomórfico, mós, cerâmica ática, vidro policromo, contas de vidro oculadas, ânforas. Em Neves I com dois *larnakes* ou mesmo Corvo II, a necrópole associada a estes habitats seria Neves IV com um faseamento idêntico a Neves II, evoluindo de tumulações circulares em para rituais de incineração em fossa.

Mais a Sul regista-se o sítios habitacional de Monte Beirão (Fig. 9), que poderá ter ocupações mais antigas tendo ai sido recolhido um estoque em bronze, cerâmicas ibero-púnicas e uma ânfo-

66 AUBET, M.^a E. (1976-1978): 270, 279 y 281.

67 FARIA, A.M. de (1994).

68 GUERRA, A. (1998).

69 BARROS, P. (2008).

70 BARROS, P., MELRO, S. y RAMOS, A.C. (2007).

71 MAIA, M. y CORREA, J.A. (1985); MAIA, M. y MAIA, M. (1986); MAIA, M. (1987) y (1988); MAIA, M. y MAIA, M. (1996); ARRUDA, A.M. (2001); JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001) y MATALOTO, R. (2003).

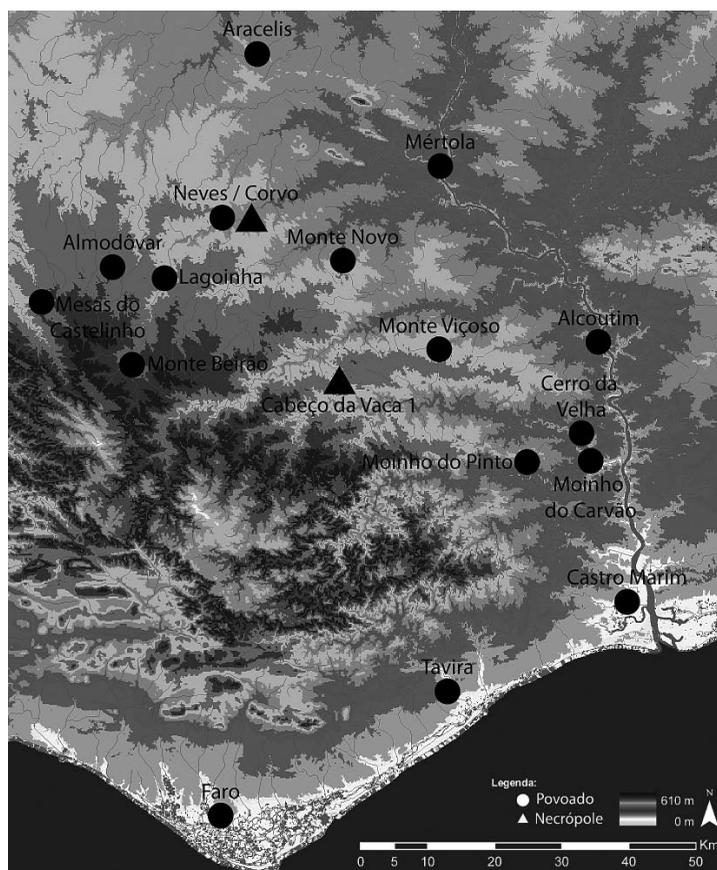


Fig. 9. Ocupação na região de Mértola entre os séculos VI e III a.C.

ra grega massaliota do VI-V a.C.⁷² Deve ainda referir-se o sítio das Mesas do Castelinho, junto à bacia hidrográfica do Rio Guadiana, que parece ter uma implantação associada a um controlo de uma rota⁷³ e o sítio de Tarsis⁷⁴, que revela uma clara ligação à exploração de recursos geológicos. Estes dois sítios apresentam as suas primeiras ocupações durante esta fase. Importa igualmente mencionar a necrópole do Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim) (Fig. 9), onde se destacam

uma conta de cornalina e duas pontas de lança que apontam para uma ocupação entre o século VI e o V a.C.⁷⁵

Em momentos posteriores, a partir do século IV a.C., mas sobretudo durante o século III a.C. parecem surgir sítios como Almodôvar⁷⁶, Lagoiinha⁷⁷, Moinho do Carvão, Monte Viçoso, Cerro da Velha e Moinho do Pinto com alguns exemplares anfóricos já referidos⁷⁸ e Alcoutim (Fig. 9) com cerâmica ática e contas de colar de

72 BEIRÃO, C. (1986); BEIRÃO, C.M. y GOMES, M.V. (1980).

73 FABIÃO, C. (1998).

74 PÉREZ MACÍAS, J.A. (1996).

75 CARDOSO, J.L. y GRADIM, A. (2006).

76 BEIRÃO, C.M. y GOMES, M.V. (1980).

77 MELRO, S. y BARROS, P. (1998).

78 OLIVEIRA, C.P. y FREITAS, V.T. (2007).

pasta vítrea, aparentemente tem menores dimensões e encontram-se localizados junto a linhas de água.

Até ao momento, a representatividade da amostra é, para este período, significativa, apesar de ser certamente parcial para interpretações de presença ou ausência de ligações sociais e económicas entre todos estes sítios arqueológicos, podendo-se adiantar que a sua implantação e cultura material associada (quando conhecida) revelam alguma afinidade.

Se excluirmos Mértola, Mesas do Castelhino e Tarsis, a localização dos restantes locais referidos parece ser, grosso modo, semelhante. As implantações revelam um bom conhecimento de um território, da melhor forma da sua transitabilidade e exploração dos seus recursos, seja ele pautado de forma local/regional ou por influência externa.

Estes sítios podem associar-se a uma exploração dos recursos agro-pecuários e fluviais, se tivermos em consideração a sua proximidade a linhas de água, a bons solos agrícolas, a localizações em zonas aplanadas com pouca defensibilidade, tendo em conta uma interpretação de um tipo de exploração, que visa a necessária produção ou recolheção de alimentos, nomeadamente o trigo, para a sua básica sobrevivência. No entanto, importa também ter presente a importância que a exploração dos recursos geológicos parece ter assumido a partir do final do século V a.C.⁷⁹ Deve-se ainda referir que estes sítios têm de ter alguma autonomia, contudo deve existir uma «dependência» comercial que as rotas comerciais e respectivos produtos impõem diacronicamente, bem como o reconhecimento de um centro de influência.

Esta exploração seria por certo complementar e não exclusiva, revelando que, em ambos os casos, estes sítios pertenceriam a uma rede, de contactos e não necessariamente de uma hierar-

quia de submissão política, onde existiria um certo controlo comercial (directo ou centralizado), não apenas das rotas, mas também dos produtos trocados, ou seja, haveria uma troca obrigatória dos excedentes produzidos por produtos exógenos, como é o caso da cerâmica grega e das ânforas com preparados púscicolas.

Nos povoados com implantações estratégicas de defensibilidade elevada e de controlo de rotas, e onde se registam fases mais antigas, parece haver uma aparente concentração de recursos transformados, induzida pela significativa panóplia de vestígios materiais com origem exógena, sinal dessas trocas comerciais.

A pertinência de um assentamento em Mértola justifica-se desse modo, ou seja, a demonstração de um efectivo poder de aquisição que detinha⁸⁰. Os produtos exógenos e a assimilação de hábitos sociais e alimentares estranhos à região parecem dever-se ao facto de uma localização e domínio de um eixo natural de comunicação norte/sul e este/oeste, por ser um ponto final da navegabilidade do estuário do rio Guadiana e pela riqueza e exploração dos recursos geológicos –cobre, ouro e prata–, agrícolas, pecuários e fluviais na sua envolvente. A organização (social, económica e política) estaria assim intrinsecamente ligada com a entidade étnica turdetana, mas que ainda assim seria por certo independente, apesar de dependentes do poder comercial instituído por terceiros, como parece ocorrer com a comercialização das cerâmicas áticas, da tipo Kuass e do conjunto anfórico conhecido.

Mértola apresenta semelhanças com um mundo litoral, no entanto, face à importância adquirida, consideramos que haveria por certo uma identidade própria e eventualmente um controlo hierárquico de uma determinada região, moldando a sua ocupação e a sua influência diacrónica, mas também com laços estreitos

79 ROSMAN, K.J.R. *et al.* (1997) y GARCÍA VARGAS, E. (c.p.).

80 BARROS, P. (2008).

entre outras entidades num vasto território interior a Norte, a Este e a Oeste –rico em minérios e terras produtivas atestados pela presença da inscrição com caracteres do Sudoeste e pela distribuição das ocorrências das taças Cástulo de características mais arcaicas⁸¹–, e sobretudo com o círculo do estreito de Gibraltar, em particular com a Campiña gaditana, os sítios algarvios

de Tavira e Castro Marim e o não menos vasto Mar Mediterrâneo prováveis origens das importações exógenas.

É neste amplo contexto natural que Mértola vai explorar o seu potencial de plataforma comercial entre um conjunto polifacetado de realidades, resumidas entre o mundo litoral e o interior⁸².

81 ID. (2005).

82 FABIÃO, C. (1998): 45.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1988): *Roman Portugal*, Aris & Phillips, Warminster, 2 vols.
- (1996): *De Ulisses a Viriato: o primeiro milénio a.C.* Instituto Português de Museus, Lisboa.
- ALMEIDA, J. de (1943): *Livro das Fortalezas de Duarte d'Armas*, Editorial Império, Lisboa.
- ANTUNES, A. (2005): *Castro da Azougada: conjunto cerâmico: em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Tese de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Documento policopiado.
- ARNAUD, J.L., MARTINS, A., RAMOS, C. (1993): «Relatório da intervenção arqueológica na Necrópole da Nora Velha (Ourique)», em *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do protocolo estabelecido entre o IPPAR e a Portucel*. Documento Policopiado.
- ARRUDA, A. M. (1997): *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*, Colibri, Lisboa.
- (2001): «A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4-2: 135-214.
- ARRUDA, A.M., BARGÃO, P. y SOUSA, E. (2005): «A ocupação pré-romana de Faro: Alguns dados novos», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1-8: 177-208.
- ARRUDA, A.M., BARROS, P. y LOPES, V. (1998): «As Cerâmicas áticas de Mértola», *Contimbriga*, 37: 121-149.
- AUBET, M.ª E. (1976-78): «La cerámica a torno de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla)», *Ampurias*, 38-40: 267-287.
- BARROS, P. (2005): «Cerâmicas áticas no Circuito do Estreito do Extremo-Occidente Peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosário, Faro e Tavira», em S. Celestino Pérez, y J. Jiménez Ávila (eds.), *El Período Orientalizante: Actas del Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XXXV, CSIC e Instituto de Arqueología de Mérida, Mérida, pp. 931-945.
- (2008): «Mértola nos meados do primeiro milénio a.C.», em J. Jiménez Ávila, (ed.), *Sidereum Ana I: El rio Guadiana en época post-orientalizante (Actas da Reunião Científica de 24 a 26 de Maio de 2006)*. Anejos de Archivo Español de Arqueología, XLVI, CSIC e Instituto de Arqueología de Mérida, Mérida, pp. 399-414.
- (e.p. a): «Mértola, plataforma comercial durante a idade do ferro-a colecção de Estácio da Veiga», em *VIº Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos. Lisboa, 26 de Setembro a 1 de Outubro de 2005*.
- (e.p. b): «Mértola no início do 1 Milénio a.C.», em *Tarsis-Tartessos: Mito, Historia, Arqueologia. Vº colóquio del CE-FYP, Madrid, 16-18 de Abril de 2007*.
- (e.p. c): «Mértola no final da Idade do Bronze», em *Sidereum Ana II: El rio Guadiana en el Bronce Final. Mérida, 28 a 30 de Maio de 2008*.
- BARROS, P., MELRO, S. y RAMOS, A.C. (2007): «Uma leitura dos resultados do EIA do Aproveitamento Hidráulico da Ribeira de Oeiras-Almodôvar», em *Encontro de Arqueologia Sudoeste Peninsular de Aljustrel*, Aljustrel, pp. 720-724.
- BEIRÃO, C.M. (1986): *Civilisation proto historique du Sud du Portugal (I ère age du Fer)*, Bocard, Paris.
- BEIRÃO, C.M. y GOMES, M.V. (1980): *A Idade do Ferro no Sul de Portugal: epigrafia e cultura*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.
- CARDOSO, J.L. y GRADIM, A. (2006): «A Necrópole da I Idade do Ferro de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim)», em *XELB 6-Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves*, pp. 201-226.
- CORREIA, V.H. (1997): «As necrópoles Algarvias da I Idade do Ferro e a escrita do Sudoeste», em *90 Séculos entre a Serra e o Mar*, IPPAR, Lisboa, pp. 221-242.
- COSTA, J.M. da (1966): «O Tesouro fenício ou cartaginês do Gaió (Sines)», *Ethnos*, V: 529-533.
- (1974): «O tesouro punico-tartessico do Gaió (Sines) (sec. VII a.C.), novos achados», em *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, vol. II, Lisboa, pp. 94-120.
- DIAS, M.M.A. y COELHO, L. (1983): «Objectos arqueológicos dum tumulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique)», *O Arqueólogo Português*, IV.1: 197-206.
- DIAS, M.M.A., BEIRÃO, C.M. y COELHO, L. (1970): «Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique», *O Arqueólogo Português*, III.4: 175-219.
- DE HOZ, J. (2001): «Algunas reflexiones sobre fronteras étnicas y lingüísticas», em L. Berrocal-Rangel y Ph. Gardes (eds.), *Entre Celtas e Ibèros*, Real Academia de la Historia, Casa Velázquez, Madrid, pp. 77-88.
- FABIÃO, C. (1998): *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- (2001): «Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I Milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaíamonte, Monforte», em *Os Púnicos no Extremo Occidente*, Universidade Aberta, Lisboa, pp. 197-228.
- FARIA, A. M. de (1994): «Uma inscrição em caracteres do sudoeste achada em Mértola», *Vipasca*, 3: 61-63.
- FEIO, M. (1946): «Os terraços do Guadiana a Juzante de Ardila», separata do tomo XXVII das *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa.
- (1983): *Le Bas Alentejo et l'Algarve*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Évora.
- FREITAS, V.T. (2005a): «Observações Preliminares sobre as cerâmicas de engobe vermelho do Castelo e Castro Marim», em S. Celestino Pérez, y J. Jiménez Ávila (eds.), *El Período Orientalizante: Actas del Simposio Internacional de*

- Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XXXV. CSIC e Instituto de Arqueologia de Mérida, Mérida, pp. 911-918.
- FREITAS, V.T. (2005b): *As cerâmicas de engobe vermelho de Castro Marim*, Dissertação de mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1978): *La España del siglo primero de nuestra era*, Madrid.
- GARCÍA VARGAS, E. (e.p.): «Entre el consumo de lujo y el gusto popular: las salazones de la Iberia Púnica y su Romanización (Siglos V-I a.C.). Una perspectiva Histórica y Cultural», en J. Napoli (ed.), *Colloque International Resources et activités maritimes des peuples de l'Antiquité*, Université du Littoral Côte d'Opale, Boulogne, pp. 87-108.
- GUERRA, A. (1995): *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Edições Colibri, Lisboa.
- (1998): *Nomes pré-romanos de povos e lugares do ocidente peninsular*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols., Edição policopiada.
- GUERREIRO, R. (1999): *Levantamento da Carta Arqueológica de Almodôvar*. Relatório de Estágio Profissional.
- HOURCADE, D., LOPES, V. y LAGARTHE, J.-M. (2003): «Mértola: la muraille de l'Âge du Fer», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6-1: 175-210.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2001): «La necrópolis de «El Jardal» (Herrera del Duque, Badajoz). Elementos para el estudio del ritual funerario del Suroeste peninsular a finales de la 1ª Edad del Hierro», *Complutum*, 12: 113-222.
- (2003): «Los objetos de pasta vitrea de Cancho Roano», en *Cancho Roano VIII-Los Materiales Arqueológicos*, vol. I, Badajoz, pp. 261-292.
- LECOQ, N. (2002): *Unidades de Paisagem da Zona Castro Verde-Mértola: Contributos para uma gestão ambiental eficiente*. Dissertação de mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Edição policopiada.
- LOPES, V., SIMPLICIO, C., BARROS, P. (2003): «O Porto de Myrtilis», en *Actas das IV Jornadas de Arqueologia Subacuática: Reunión Internacional «Puertos fluviales antiguos: Ciudad, desarrollo e infraestructuras»*, Universidad de Valencia, Valencia, pp. 35-48.
- MAIA, M. (1987): «Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal», en *Actas del IVº Colóquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*, Vitoria, pp. 433-445.
- (1988): «Neves II e a facies cultural de Neves-Corvo», *Arquivo de Beja*, 2-3: 23-42.
- MAIA, M. y CORREA, J.A. (1985): «Inscripción en escritura tartésica (o del SO), hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico», *Habis*, 16: 243-274.
- MAIA, M. y MAIA, M. (1986): *Arqueologia da área mineira de Neves-Corvo: trabalhos realizados no triénio 1982-84*, Somincor, Lisboa.
- (1996): «Arqueologia do Couto Mineiro Neves Corvo», en M. Rego (ed.)-*Mineração do Baixo Alentejo*, Castro Verde, Câmara Municipal de Castro Verde, pp. 82-93.
- MATALOTO, R. (2003): *Um «monte» da Idade do ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central. Trabalhos de Arqueologia*, 37, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- MELRO, S. y BARROS, P. (1998): *Levantamento e Avaliação de Impactos sobre o Património Arqueológico e Construído do Projecto de Aproveitamento Hidráulico da Ribeira de Oeiras*. Relatório-Outubro e Novembro de 1997.
- OLIVEIRA, C.P. y FREITAS, V.T. (2007): «A Idade do Ferro no Baixo Guadiana», en *IVº Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004. Promontoria Monográfica*, Faro, 9, Faro, pp. 409-418.
- OLIVEIRA, T. y OLIVEIRA, V. (1996): «Síntese da Geologia da faixa piritosa em Portugal e das principais minerações associadas», en *Mineração do Baixo Alentejo*, vol. I, Câmara Municipal de Castro Verde, Castro Verde, pp. 8-27.
- OLIVER FOIX, A. y GUSI JENER, F. (1995): *El Puig de la Nau. Un habitat fortificado ibérico en el ámbito mediterráneo peninsular. Monografies de Prehistòria i arqueologia Castellonenques*, 4, Diputació de Castelló, Castellón.
- PALMA, M. de F. y GÓMEZ, S. (2008): «Intervenção Arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola-Notícia Preliminar», en *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Vipasca*, nº 2, 2.ª série, Aljustrel, pp. 531- 535.
- PÉREZ MACÍAS, J.A. (1996): *Metalurgia extractiva prerromana en Huelva*. Col. *Arias Montano*, 15, Universidad Huelva, Huelva.
- RAMÓN TORRES, J. (1995): *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central e Oriental. Col.lecció Instrumenta*, 2, Universitat de Barcelona.
- ROSMAN, K.J.R., CHISHOLM, W., HONG, S., CANDELONE, J.-P. y BOUTRON, C.F. (1997): «Lead from Carthaginian and Roman Spanish Mines Isotopically Identified in Greenland Ice Dated from 600 B.C. to 300 A.D.», *Environmental Science & Technology*, 31-12: 3413-3416.
- RUANO RUIZ, E. (1995): «Cuentas Policromas prerromanas decoradas con 'ojos'», *Espacio, Tiempo y Forma*, II.8: 255-286.
- (1996): «Las Cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera», *Trabais del Museo Arqueologic d'Eivissa i Formentera*, 36, Ibiza.
- SIMPLICIO, M.C., BARROS, P. y GARCIA, C. (1999): «Prospecções Arqueológicas no Rio de Guadiana-Porto de Mértola», *Almadan*, II-8: 54-62.

- SOUSA, E. (2005): *A cerâmica de tipo Kuass do Castelo de Castro Marim e de Faro*, Dissertação de mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- TEIXEIRA, S.B. (2005): «Evolução holocénica do litoral em regime transgressivo: o caso da costa de Quarteira (Algarve, Portugal)», en *Iberian coastal holocene paleoenvironmental evolution- Coastal Hope 2005*, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, pp. 121-124.
- TOVAR, A. (1976): *Iberische Landeskunde. Lusitânia*, Baden-Baden.
- UNTERMANN, J. (1962): *Sprachräume und Sprachbewegungen im vorrömischen Hispanien*, Wiesbaden (citado na tradução portuguesa: «Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana», *Revista de Guimarães*, 72: 5-41).
- VEIGA, S.F.M.E. da (1983): *Memórias das antiguidades de Mértola*. Lisboa, Edição fac-similada de 1880 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Câmara Municipal de Mértola.